

FAMÍLIA ISOSSEXUAL¹

DESEMBARGADOR FRANCISCO DE ASSIS FIGUEIREDO

*Presidente da 2ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado
de Minas Gerais*

*Superintendente da Comissão Estadual Judiciária de
Adoção Internacional - CEJA*

*Ex- Presidente do IBDFAM em Minas Gerais e seu atual
Consultor Jurídico*

Professor Universitário de Direito de Família

*Juiz do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Apelação
Especialista em Direito de Família pela Faculdade de Direito
de Lisboa*

¹ Palestra proferida no 5º Congresso Brasileiro de Direito de Família: Família e Dignidade Humana - BH - Outubro/2005

Os Senhores sabem muito bem o que significa o tema, eu sei muito bem o que tenho de falar; e suas presenças neste salão demonstram, sem dúvida, a seriedade, a curiosidade científica e o interesse que sentem com relação ao que vai ser tratado. Não escrevi a palestra, fiz somente algumas anotações, porque, quando falo de Direito de Família, tenho o hábito de falar olhando nos olhos de quem me escuta. Direito de Família é olho no olho, coração com coração.

Tenho aqui uma vasta quantidade de documentos, acórdãos e sentenças que comprovam o que vai ser dito e que ficará à disposição dos Senhores para consulta, por meio do IBDFAM.

Peço licença para contar uma pequena história...

Quando tinha meus 17/18 anos era estudante dos Jesuítas, em Belo Horizonte (Colégio Loyola); às vezes, íamos, meus colegas e eu, para a Praça Sete, sábado à noite, porque era o dia de nosso encontro para “pegar um cineminha” ou fazer “uma farrinha”, num dizer bem mineiro...

Íamos ao cinema das oito às dez; das dez às onze dávamos um “passeiozinho” e, lá pela meia-noite, íamos a um restaurante do tipo “bandejão”, debaixo do Cine Brasil, obviamente, para restaurar o esforço e as energias gastas no “passeiozinho”. Pois bem. De vez em quando, acontecia passar uma pessoa correndo como louco, seguido por uma turma gritando: “Pega! Pega!”

Hoje, ninguém teria dúvida de que devia se tratar de um assaltante. Mas, naquele tempo, não. Nos idos de 1956/57, o grito era diferente: “Pega! Mata o ‘veado’! Acaba com ele!”

Eu desconfio de que, se pegassem o cidadão, coitado, acabariam com ele mesmo.

Essas cenas dantescas marcaram-me muito, mas, eram marca da época, normal e, até nos colégios, se descobrissem a presença de um homossexual instalava-se o preconceito.

Depois, tornei-me Juiz e, no decorrer de minha trajetória pelas comarcas de Minas, residi por alguns anos em Campo Belo, uma cidade admirável, que amo muito, na Zona das Vertentes. Lá, passei a dar aula de Literatura no Colégio dos Padres Cruzios. Certo dia, o Diretor daquele educandário chamou-me e disse: “Tenho de ir à Holanda por uns dois ou três meses, e resolvemos que vamos colocar um leigo na Diretoria até eu voltar”. E continuou: “Você não vai ter trabalho algum. Simplesmente, vai assumir o cargo de Diretor, pois o leigo tem de contribuir para com a Igreja!”

O único problema que você pode ter é referente a alguns alunos que são homossexuais...É bom que saiba quais são, porque, se surgir algum problema,

saberá como agir com compreensão e caridade.” Então, tive acesso a uma lista de alunos e levei um susto! Fiquei abismado! Com relação a um ou dois, eu tinha, mais ou menos, uma idéia, mas a lista era maior do que eu esperava...

Olhem, meus caros, naquele tempo, mais ou menos de 1967 a 1969, as coisas eram essencialmente mais discretas. Fiquei “de olho” naqueles meninos e meninas; dois ou três tiveram problema em casa e vieram conversar comigo, embora nunca lhes houvesse dito que fora sobre eles alertado. Fiquei abismado com o sofrimento daqueles jovens, traduzido e ampliado no sofrimento do homoafetivo ou homossexual. Naquela época, a maior rejeição era da própria família; só as mães suportavam e arrumavam força para enfrentar a condição dos filhos.

Essa situação e a presenciada na minha juventude, foram moldando meu pensamento e, quando iniciei meus estudos de Direito de Família, com a ajuda de minha esposa, começamos a pesquisar sobre o assunto, voltados para o problema do sofrimento da pessoa que tem corpo de mulher mas alma de homem e vice-versa. Sensibilizados por perceber a dor humana e o abandono em que viviam (e vivem) esses seres, optamos por enfrentar o assunto e descobrir uma forma de minorar o drama de suas vidas.

Para melhor ilustrar a importância e a gravidade desse tema, peço imaginem que chego até vocês e digo o seguinte: “Olhem esta imagem que está em minhas mãos.” Vocês poderiam olhar e dizer: “Que imagem bonita!” E pronto. Mas se eu complementar: “Foi esculpida pelo Aleijadinho”, vocês, quedarão estupefatos, tomarão a imagem de minhas mãos e passarão a examiná-la com o maior respeito e acusada atenção.

Quando acompanho algum visitante em passeio pela orla da Lagoa da Pampulha e mostro a arquitetura de Niemeyer, a pintura de Portinari na Igreja de São Francisco e os jardins de Burle Marx, noto a atitude reverencial que as pessoas assumem diante das obras de grandes artistas.

A verdade é que as obras tornam-se verdadeiras preciosidades quando são criadas por um artista inigualável.

Pergunto novamente: “Quem criou o Aleijadinho? E Niemeyer, Portinari e Burle Marx?”

Respondo: “Deus criou-os assim como todas as criaturas, inclusive as de que hoje estamos tratando nesta conversa – o homossexual.”

É importante que fique claro o que vem a ser a diferença entre a visão pessoal (subjetiva) sobre os valores da vida e a visão profissional.

Com relação ao amor entre seres humanos, tenho visão pessoal de que

não há possibilidade de mantê-lo sem fidelidade. E a cada dia que passa, há 48 anos unido a minha mulher, tenho razões para achar assim. E digo mais, já me sinto mais tranqüilo para terminar minha existência, por ter procedido assim.

Então, pergunto: “Estou certo ou errado?”

Nenhum de vocês pode opinar, porque trata-se de ponto de vista meu (pessoal). Há pessoas que acham que a emoção do adultério tempera o amor!? Outros, que o “casamento participado” é muito interessante, o chamado “casamento livre”... Mas, quando tratamos de questões sob o olhar do profissional, não temos outro caminho a não ser tratá-las com respeito à dignidade da pessoa humana, um filho de Deus e um cidadão comum.

Na homossexualidade, que é nosso tema específico, a questão subjetiva faz-se presente.

Pessoalmente, não tenho dúvida de que o problema da homossexualidade seja genético, mas não peço que concordem comigo.

E por que acho que é genético?

Essa questão é bastante discutida. Há poucos meses, saiu em revista de grande circulação no país, na seção que trata de assuntos científicos, que a Academia de Ciências Inglesa, uma das mais respeitadas do mundo, reconheceu que a homossexualidade é genética. E por que também acho que é genética? Por uma razão muito simples que permeia os meios científicos, religiosos e leigos.

Todos já vimos pessoas que fumavam deixar de fumar. Já vimos pessoas que bebiam deixar de beber. Quantas pessoas conhecemos que usavam tóxico e deixaram de fazê-lo!

Agora, pergunto eu, depois que vocês conheceram uma pessoa homoafetiva, ela deixou de sê-lo? Eu nunca vi...

Há pouco tempo, fui fazer uma palestra em uma faculdade da cidade de Sete Lagoas - MG, e falava, exatamente, sobre esse tema. De súbito, iniciou-se uma discussão. Lá estava um advogado, que era pastor de uma Igreja Evangélica; ele falou que, na Igreja dele, várias pessoas deixaram de ser homossexuais.

Ora, pode-se deixar de praticar a homossexualidade. Isso é uma questão de castidade. É outro problema.

A discussão permaneceu acirrada, sem que se chegasse a um ponto de vista comum entre os presentes, até que o Presidente da mesa pôs ordem e pediu para que eu prosseguisse. Fez-se silêncio. E, então, um gaiato falou o seguinte: “- Professor, o Pastor aqui, nosso colega, parece estar enganado...O moço deve estar de férias!”

É uma piada grosseira, mas que, na verdade, ilustra o que disse sobre conceito pessoal.

O fato é que nunca o homossexual conseguiu deixar de sê-lo e por quê? Porque, reafirmo, o problema é genético. Vocês podem dizer que amanhã a Engenharia Genética terá a solução para tal. Tudo bem. Isso já nem é assunto meu.

Alguns acham que ser homossexual é sem-vergonhice, é falta de pudor!? Há os que acham que é castigo de Deus!? Coitado de Deus! E coitado do homossexual!

Em suma, a homossexualidade é um fato que, por ser genético, sempre existiu (desde os povos primitivos) e sempre existirá.

O que hoje se vê são os indivíduos homoafetivos, na terminologia deles, querendo “sair do armário”. É o termo usado por eles mesmos para demonstrar que não suportam mais viver escondidos e marginalizados.

A expressão “sair do armário” dá-nos a impressão de que está aumentando o número de homossexuais, e não está. O percentual mantém-se nos mesmos 4 a 5%..., desde o relatório Master-Johnson (1943/45).

Deve haver alguém aqui presente que ainda se lembre de quando Jô Soares fazia, na televisão, o quadro do “Capitão Gay”. Depois, tivemos o Chico Anísio fazendo o “Painho”, o Tom Cavalcanti do “cucção de couro”, o Agildo Ribeiro que não dispensa um “paleiro” e assim vai...

As novelas estão aí. É a quarta novela consecutiva que mostra a questão da homossexualidade, tratada até com certo respeito. Dizem até que, na última que passou, um homem iria beijar outro. Isso quer dizer que a imprensa e os demais meios de comunicação estão em cima, perscrutando tudo o que se refere à homossexualidade, e que o assunto está num caminho sempre crescente.

Analisemos, então, o amor e a sexualidade do homoafetivo.

Conforme dito, não importa se o indivíduo tem corpo de homem, mas alma de mulher, pois, já que nasceu, tem necessidade de realizar-se, não só sexualmente, mas, antes de tudo, afetivamente.

Além disso, o homoafetivo quer que sejam reconhecidos seus direitos. Não estamos falando de casamento. Sequer estamos a falar sobre o extinto Projeto Suplicy, que foi retirado de pauta por conveniência política da autora. Estamos falando, sim, que o homossexual precisa de proteção jurídica, e esta já está começando a acontecer, com justas razões. De forma alguma eles são inferiores a nós como cidadãos... Pagam imposto como nós...

Vivenciamos na Justiça, no dia-a-dia, a dificuldade de declarar o direito deles, porque está faltando a lei expressa para tal. Quando se quis resolver a questão do uso de embriões, em pesquisas científicas, deu-se uma volta enorme e resolveram politicamente o assunto. E eu pergunto aos Senhores: - sabem por que, depois que o assunto foi resolvido, ninguém mais tocou nele? Nem uma linha em jornal ou em revista? Fizeram aquela pressão enorme, dizendo que havia trinta mil embriões conservados em nitrogênio. Quando foram averiguar, havia menos de três mil. Afinal, quantas vidas foram descartadas antes da autorização legal?

Essa questão de não haver previsão em lei para garantia dos homossexuais constitui falta de coragem política.

O caso dos embriões é a mesmíssima coisa, não havia previsão legal e resolveram o assunto. Houve também o fato de o Tribunal Superior Eleitoral - TSE- que impediu o registro de uma candidata à Prefeitura de uma cidade do Pará, porque tinha vida afetiva com a Prefeita, que era casada e mãe de filho... Quando é de interesse do homoafetivo, nada se faz; quando é de interesse político, aparece previsão em lei.

Nesse caso julgado no TSE, o Ministro Gilmar Mendes lembrou que os direitos da homossexualidade e da união estável já foram, inclusive, reconhecidos no plano patrimonial do STJ, mas não há, ainda, previsão legal.

Há pouco tempo, o Tribunal Federal garantiu visto de permanência para uma inglesa viver com uma brasileira, reconhecendo união estável.

Estão vendo? Quando é da conveniência, os tribunais superiores fazem, quando não...

Também a Suprema Corte Americana, há pouco tempo, decidiu pela inclusão dos homossexuais em suas Forças Armadas.

Meus caros, a luta tem de continuar. Falta de previsão legal é falta de sensibilidade e vontade política de votar e decidir, porque o fato está aí, não é assombração, está claro, muito claro!

Sendo que os homoafetivos pagam impostos como nós, já são tratados de forma especial pela Previdência Social, por Tribunais Estaduais e Federais e por companhias de turismo, eles são, ou não, cidadãos brasileiros?

Ouso acreditar que antes do término de minha carreira, que já se encontra no ocaso, possa ver o reconhecimento legal e patrimonial para os homoafetivos, o que, absolutamente, não quer dizer casamento.

“Já tendo nuvens a entrar-me pelos olhos e vento pelos meus ouvidos”, espero confiante ter a resposta afirmativa para a pergunta que permeia minha

vida profissional e até minhas noites de insônia: SÃO OS HOMOSSEXUAIS, OU NÃO, CIDADÃOS BRASILEIROS? SÃO, OU NÃO, FILHOS DE DEUS?...